



CIRCULAÇÃO E CRISTALIZAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A MULHER NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE

Paulo Rogério de Oliveira¹
Roberto Leiser Baronas²

1. Introdução

Vivemos em um país onde o preconceito relacionado ao negro é bastante evidente, embora se afirme o contrário. A título de exemplo, podemos citar os frequentes programas da mídia televisiva que o expõe ao ridículo das mais variadas formas possíveis, explícita ou implicitamente. Assim, um paradoxo se instala: a própria mídia que se diz propagadora de ideias, opiniões, que combatem ao preconceito racial³ é a mesma que difunde tais preconceitos.

Referimo-nos à mídia televisiva porque acreditamos que a maioria dos brasileiros tem acesso a ela, no entanto, o preconceito ao negro se veicula também através de outras mídias e outros gêneros e suportes textuais, tais como: livros didáticos e não didáticos, outdoors, revistas, jornais escritos, rádios, teatros, piadas, charges, contos de fadas, adivinhas, dentre outros.

Sem dúvida alguma, o preconceito racial existente no Brasil tem sua origem no período Colonial, uma vez que os negros, retirados de várias partes da África e trazidos para cá, se tornavam escravos dos Senhores de Terras. A escravidão durou quase cinco séculos, tempo bastante para o preconceito contra o negro se capilarizar no corpo social do país, a ponto de tornar-se “natural”. É importante enfatizar que, ao serem destituídos de suas terras e arrancados de seu território de origem, começaram a passar por maus tratamentos, desde o traslado marítimo, lutando pela sobrevivência dentro dos navios em condições sub-humanas. Os que chegavam com vida, já esperavam por tratamentos ainda mais impiedosos.

É importante lembrar que durante os séculos de escravidão, o negro não era visto como um sujeito social, como cidadão, como pessoa humana. Era tratado como coisa, como “peça”, como propriedade, como máquina, uma espécie de robô-humano, um a-sujeito sem direitos, só com deveres. Com relação aos estudos sobre o racismo no Brasil, Schwarcs (2001, p.39) esclarece que:

[...] os recém-chegados se transformavam em *boçais* (aquele que não conhece a língua). Entendido como propriedade, uma *peça* ou *coisa*, o escravo perdia sua origem e sua personalidade *Servus non habent personam*: “o escravo não tem pessoa”, é um sujeito sem corpo, sem antepassados, nomes ou bem próprios.

Desse modo, percebemos claramente que os europeus/colonizadores tinham uma visão bastante disfórica dos negros que aqui chegavam, pois além das diferenças relacionadas à cultura –

¹ Mestrando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá, MT e Professor de Língua Portuguesa na Escola Estadual da Polícia Militar Tiradentes.

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara e Professor titular nos cursos de Letras, Linguística, Mestrado e Doutorado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, é também Professor Colaborador no Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá, MT.

³ O termo “preconceito racial” será usado ao longo deste trabalho, referindo-se especificamente às pessoas negras (usado como sinônimo de Preconceito de cor).

no sentido lato do termo- havia outras que segundo Munanga e Gomes (2006, p.14) estavam “[...] inscritas no corpo. A cor da pele e os traços morfológicos (nariz, lábios, formato da cabeça, queixo, textura do cabelo, etc.[...]”, todas essas diferenças eram totalmente depreciadas pelos europeus, uma vez que o modelo “bonito” de cultura e traços fisionômicos estavam na Europa.

2. Ser mulher (negra) no Brasil

Não pretendemos, neste curto espaço, detalhar questões relacionadas à mulher (negra), visto que isso exigiria mais aprofundamentos teóricos e pesquisas um pouco mais acuradas. Como bem nos lembra Coracini (2007, p.79), “seria necessário situá-la [a mulher] com relação à região, à idade, ou ao povoado, à classe social, à etnia, à faixa etária e até à religião”.

Fica evidente o preconceito contra a mulher quando são divididos os papéis-funções estabelecidos socialmente para os homens e mulheres ocuparem, pois há um imaginário, com influência dos estudos biológicos, que as mulheres são mais frágeis do que os homens, ficando assim, impossibilitadas de fazerem determinado esforço braçal. Em termos linguísticos e discursivos há também frases cristalizadas que circulam e propagam preconceitos contra as mulheres, a título de exemplo podemos citar: se a mulher bate o carro, falam: “*só podia ser mulher*”, “*mulher no volante, perigo constante*”, “*lugar da mulher é na cozinha*”, “*por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher*”, dentre outros tantos.

É importante pontuar que esse imaginário, em relação às mulheres, estava presente não só nas classes mais desfavorecidas, mas também nas mais abastadas, pois “na classe média-alta, nas famílias abastadas, o discurso dos homens políticos incitava as mulheres ao trabalho, argumentando que a sua presença ajudaria a garantir as qualidades morais necessárias a uma sociedade que se via em perigo diante do aumento da população que não cessava de migrar para os grandes centros. Sociedades de caridades foram criadas e as mulheres aceitaram de bom grado essa tarefa social e gratuita que prolongava sua vida no lar.” (CORACINI, 2007, p.81)

Essa mesma linha de raciocínio estava presente praticamente em todas as sociedades espalhadas pelo mundo. É claro que a sociedade passa (ou deveria passar) por transformações e os pensamentos vão sofrendo deslocamentos. Hoje, a mulher, diferentemente daquela do século XIX, já conquistou vários direitos, que antes eram reservados aos homens, porém, ainda tem muita coisa para mudar, pois sabemos que atualmente permanece (alguns?) resquícios de ideias depreciativas em relação à mulher.

Cabe-nos, agora, portanto, problematizar o lugar da mulher negra nesta sociedade onde os discursos discriminatórios se entrecruzam a cada ato de enunciação dos sujeitos. Diante deste conjunto de afirmações(?) sobre a mulher (de um modo geral), concordamos com Munanga e Gomes (2008, p.133) ao dizer que “a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista”.



Antes e após o dia 13 de maio, as mulheres negras não param de lutar, no sentido de também ocuparem seus espaços na sociedade “branca”, se juntando por meio de OGN's e debatendo sobre direitos de igualdade. É lamentável que mesmo depois de quase 200 anos, a mulher negra continua sendo vista como aquela do período colonial, escravocrata que servia apenas para trabalhar em serviços braçais, nocivos e pesados, e nos dias atuais, não é diferente, cabe a elas também os serviços mais insignificantes, no sentido de (des)prestígio social, como bem nos mostra Rufino (2003) apud Munanga e Gomes (2008) que as mulheres negras:

Estão ainda nas funções tradicionais, ou seja, limpando a sala da diretoria, da médica, da advogada, da redação dos jornais, dos tribunais, em resumo limpando as salas das decisões. Enquanto as mulheres brancas estão rompendo estereótipos e atingem números significativos em áreas antes restritas aos homens, as mulheres negras ainda têm de lutar para ter acesso a funções como secretárias ou recepcionistas, ocupações tidas como “feministas”, mas que podem ser melhor descritas como “femininas e brancas”.

Assim, percebemos que a mulher negra já tem seu “sentido” fixo na sociedade, como sendo incapaz de emancipar-se. Tendo em vista estes vários discursos que circulam socialmente, cria-se assim, esse imaginário de inferioridade, que de certa forma, recalca no sujeito (a mulher negra), deixando-a nesta constante tensão entre ser “livre”, ter ascensão social, e ao mesmo tempo, conformar-se em ser “inferior”, “incapaz”, sempre nesta busca incessante de soluções.

3. Breves Conceitos Teóricos

Nosso trabalho se inscreve no quadro teórico e metodológico da Análise de Discurso de materialista, desenvolvido inicialmente por Michel Pêcheux na França, e ampliada no Brasil, a partir das obras de Eni Orlandi. Mobilizaremos para a nossa análise a noção de Interdiscurso/memória discursiva, conforme proposto por E. Orlandi (2010).

Assim, é importante mencionarmos que os conceitos de texto, discurso e sentido são fundamentais para a Análise de Discurso (doravante AD) uma vez que, para compreender o funcionamento de qualquer objeto simbólico, faz-se necessário levá-los em consideração, pois estão umbilicalmente ligados entre si, isto é, um constitui o outro.

Considerar os enunciados numa perspectiva discursiva é, sem dúvida alguma, ir além da transparência e evidência do(s) sentido(s) já lá; é considerar as estruturas morfossintáticas que compõem sua materialidade e também levar em consideração sua exterioridade, pois materialidade linguística e exterioridade são constitutivas dos sentidos, conforme nos esclarece Brandão (2012, p.19), ao dizer que “[...] o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase) e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção”.

Desse modo, tomamos o texto como sendo a tessitura de um conjunto de outros enunciados, uma espécie de “retalho”, “pedaço” de vários outros textos que já foram produzidos em outros lugares por diversos sujeitos e que sempre são retomados/retornados produzindo efeitos de sentidos entre (in)terlocutores, com isso, o conceito de texto não deve ser entendido como um objeto empírico, com



início, meio e fim e sim como um objeto discursivo, pois o discurso se materializa na língua (texto) para significar.

Percebe-se, desse modo que “toda e qualquer materialidade que dê suporte a um discurso pode ser considerada Texto. [...] A categoria TEXTO deve ser compreendida como o suporte através do qual um discurso se materializa, podendo ser tal suporte verbal ou não verbal”. (INDURSKY, 2011, p.76).

Assim podemos compreender que, o discurso encontra-se “encarnado” no texto, e quando falamos em texto, não estamos nos limitando apenas ao texto verbal, mas também a outras formas de textos, como por exemplo, o não verbal (som, imagens, cores etc.), que também são constituídos de historicidade, de ideologias, são heterogêneos uma vez que são atravessados por várias formações discursivas.

De acordo com Michel Pêcheux (1969) apud E. Orlandi (2010) os discursos são “efeitos de sentidos entre locutores”, portanto, não falamos só para comunicarmos uma dada mensagem para um determinado interlocutor, simplesmente para “*informá-lo sobre*”, como queriam os teóricos da comunicação, os enunciados que proferimos provocam determinados efeitos de sentidos entre os sujeitos, deixando-os assim, impossibilitados de não interpretar uma sequência discursiva dada.

Portanto, todo enunciado sempre vai ser (re)produzido em uma dada situação e incessantemente vai estar inscrito em determinadas *formações discursivas* que, explicando de maneira sucinta, são os conjuntos de já ditos, por um sujeito, em uma dada conjuntura, isto é, em um determinado momento *histórico-social*, formando o que E. Orlandi (2010) vai chamar de *memória discursiva* ou *interdiscurso*. Assim, devemos analisar o texto como materialidade de discursos diversos, já produzidos, e vê-los sempre atados a esses feixes de dizeres, já que, conforme nos esclarece E. Orlandi, (2010, p.18) que “algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente. O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo já dito. Ele é o saber, a memória discursiva”.

4. Percurso metodológico e uma primeira aproximação analítica do corpus

Já de início, queremos dizer que a escolha desse texto deu-se por três motivos, primeiro pelo fato de o discurso sobre as cotas nas universidades estar em voga, provocando muitas discussões em torno do assunto; segundo, porque a mulher (negra) em nossa sociedade há algum tempo é alvo de discriminação e terceiro, pelo fato desses textos terem circulação ampla, provocando efeitos de sentidos os mais variados possíveis, nas diversas situações discursivas.

O recorte a ser analisado é a capa do Caderno de Provas da Universidade Estadual de Mato Grosso/UNEMAT e o enunciado linguístico que a acompanha, referente ao Vestibular 2012/2. (disponível em: <http://concursos.unemat.br/20122/>) A análise, conforme já dito anteriormente, parte de uma perspectiva de que os textos, independentemente de sua materialidade significativa, devem ser analisados levando em conta também a sua exterioridade. Veja:



Esta capa é, nos dizeres de Pêcheux, um *acontecimento*, pois percebemos nela a materialização de discursos já produzidos em outras situações e em outros lugares e por sujeitos diversos; é um *objeto simbólico*, que, de certa forma, faz parte de uma prática social específica, dito de outra forma, foi produzida para *circular* entre sujeitos sócio-historicamente determinados e constituídos.

Desse modo, não se trata de uma *peça linguística* inerte, estática, autônoma, no sentido de estar alheia à história, não é a-histórica, pois as *condições de produção* se fazem presentes para poder significar, que nos dizeres de E. Orlandi (2010, p.15) correspondem “aos sujeitos e a situação” a *saber, o contexto relacionado ao aqui e agora e ao contexto mais amplo, que é o histórico-social (ideológico)*”, ambos indissociáveis na tessitura da organização textual e discursiva desta capa.

Iniciaremos a analisar pela formulação visual (imagética), e em seguida, partiremos para a análise dos enunciados-verbais.

Temos disposta na imagem uma jovem (moça-mulher) negra, nota-se que o fotógrafo a pôs em destaque na foto, pois a fotografou de um ângulo bem próximo, pondo em evidência detalhes como os cabelos, pois ela não está olhando para frente, está de cabeça baixa, e a roupa aparentando ser bem simples. Está escrevendo, atestando, assim, que se trata de uma estudante, vestibulanda humilde em busca de uma vaga na Universidade.

Essas descrições superficiais e transparentes, à luz da Análise de Discurso, não são tão óbvias e tão cintilantes como aparentam ser, pois essa imagem está umbilicalmente ligada à *memória discursiva, ao interdiscurso*, uma vez que todos os conjuntos de dizeres, relacionados ao negro e à mulher negra ecoam na história, e a cada materialidade seja ela linguística ou “intersemiótica”, os sentidos regressam, com uma “nova-velha cara”.

A imagem em si traz uma memória, a de que o negro *pobre*, precisa ter um estudo a nível universitário, bem como a mulher negra também para ter vez nessa sociedade que prega o tempo



todo a inclusão por meio de propagandas alienadoras e projetos governamentais discriminatórios, pois as cotas são um bom exemplo disso, deixando claro que o negro e a mulher negra precisam, necessitam de intervenção governamental, por meio de “esmolas” para poderem ter uma chance de assumir o posto de graduado(a), ficando evidente que eles não tem capacidade cognitiva para chegar nesse nível de escolaridade.

Correlacionando a imagem ao enunciado destacado **BUSQUE** ficam mais evidente tais afirmações: o verbo está no modo imperativo. Segundo Cereja (1999, p.152) o imperativo “é o modo geralmente empregado quando se tem a finalidade de *exortar* o interlocutor a *cumprir* a ação indicada pelo verbo. É o modo da *persuasão*, da *ordem*, do *pedido*, do *conselho*, do *convite*.” (Grifos nossos).

É como se a Instituição estivesse mandando, aconselhando, convidando o negro, pois a imagem da mulher na capa pode significar também uma espécie de metáfora do homem negro, a uma tomada de posição, quem **busca** algo é porque ainda não encontrou, isso transmite a imagem de como o negro era e é visto, sempre em busca de alguma coisa, ora de liberdade, ora de ser tratado como cidadão, pois era *invisível*, na sociedade escravocrata, concomitantemente também a mulher negra que servia só para servir o seu senhor, com os serviços braçais, limpando, cozinhando, tecendo, dentre outros serviços domésticos.

Temos aqui uma memória desses dizeres que eram produzidos e que se faz presente nesta cena enunciativa, cabe salientar, porém, que a Instituição não tinha a “intenção” de dizer dessa forma, porém, esquece que o deslizamento de sentidos é constitutivo de todo discurso, como bem nos lembra Coracini (2007, p.40): “[...]o inconsciente como impossibilidade do controle de si e do dizer, a heterogeneidade constitutiva do discurso e o equívoco como constitutivo da linguagem”, dito de outro modo, os sentidos que produzimos para os textos, sejam eles verbais ou imagéticos sempre estarão propensos a serem outro(s), diferente(s) daquele(s) que o sujeito enunciator pensou que seria(m).

Continuando a nossa análise, está presente também na capa, logo abaixo do imperativo **BUSQUE**, os enunciados: o *melhor* para a sua carreira e *surpreenda* o mercado (grifos nossos) levá-nos a inscrevê-los em algumas redes parafrásticas de sentidos: “o melhor para sua carreira” poderia deslizar semanticamente para: o negro precisa de uma vida melhor- pois há um reconhecimento de que eles sempre ocupam subempregos-, de honestidade, pois a imagem do negro em nossa sociedade sempre foi negativa, associada a coisas ruins, os provérbios são bons exemplos disso.

Relacionando à mulher(negra), os deslizamentos de sentidos poderiam ser assim: está na hora de sair de determinadas profissões que as reduzem ao âmbito doméstico, aqui os estudos lhes proporcionariam uma vida mais digna. E por último ‘surpreenda o mercado’ é como dizer que a ascensão de um negro ou de uma mulher negra (pobre) no Brasil, seria algo espantoso, assombroso capaz de causar uma espécie de impacto social muito grande. Nota-se que a esperança da Instituição é que o negro e a mulher negra se integrem em um mercado (de trabalho), não basta só estudarem, ter um curso superior, tem que estudar para trabalhar, gerar lucros, para prestarem



“continência” ao capital, pois só serão dignos de aceitabilidade social, quando estiverem “cheios da grana”, trabalhando formalmente, só com o diploma na mão não é suficiente.

Levando em consideração os argumentos apresentados, evocamos Orlandi (2010, p.25) ao dizer que

Quando o sujeito fala, ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas. Mas ele o faz como se o sentido estivesse nas palavras – e não na inscrição das palavras em formações discursivas – apagando-se assim, suas condições de produção, desaparecendo o modo pelo qual a exterioridade o constitui. Em suma, a interpretação aparece para o sujeito como transparência, como o sentido lá.

O percurso de interpretações seguido até aqui justifica-se pelo fato de que todo dizer está necessariamente inscrito na memória discursiva, não há como não historicizar, interdiscursivizar os dizeres, a exterioridade faz parte dos gestos de interpretação dos sujeitos. Ao interpretar determinados enunciados, o fazemos a partir das formações discursivas na qual nos inscrevemos, via inconsciente, e isto não pode ser considerado como “defeito do sujeito ou da linguagem”, e sim como um imbrincamento inevitável no trabalho com a linguagem e com os discursos.

5. Gesto finalizador

As discussões realizadas neste trabalho foram breves, mas suficientes para mostrar que os discursos racistas continuam circulando socialmente, entoados por diferentes sujeitos, propagando mitos, sedimentando e cristalizando imagens preconceituosas, estereotipadas e depreciativas do negro e da mulher negra.

Como dissemos anteriormente, a análise partiu da perspectiva de que os textos, independentemente de sua materialidade significativa, devem ser analisados levando-se em conta também a exterioridade. Além disso, foi necessário considerar que a historicidade e a ideologia são constitutivas de toda produção de linguagem.

Desse modo, concordamos com E. Orlandi (2010, p.19), ao dizer que “Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo, procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento”.

Assim, esperamos que o presente estudo possa contribuir para que brechas, fissuras sejam cavadas no fio desse(s) discurso(s), possibilitando, assim, a irrupção de questionamentos críticos e a mudança de olhares e posturas sobre a negritude, dentro dessa sociedade que cinicamente se apresenta como *multiculturalista* e *multiétnica*.

6. Referências Bibliográficas

CORACINI, Maria José. Pêcheux hoje: no limiar das dúvidas e (in)certezas. In: CORACINI, Maria José. *A Celebração do Outro- Arquivo, Memória e Identidade (línguas materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 27-55.



_____. Da (im)possível identidade do povo brasileiro (Discurso de e sobre a (in)submissão feminina) In: CORACINI, Maria José. *A Celebração do Outro- Arquivo, Memória e Identidade (línguas materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 79-96.

INDURSKY, Freda. O Texto nos Domínios da Linguagem: Especificidades e Limites. (A categoria *texto* através do filtro teórico da análise de discurso) In: ORLANDI, Eni Puccinelli, RODRIGUES; Suzy, Lagazzi.(Org.). *Discurso e Textualidade*. Pontes: 2010.p.66-80.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio, Sujeito, História- Significando nas Margens. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.p.61-92.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli, RODRIGUES; Suzy, Lagazzi.(Org.). *Discurso e Textualidade*. Pontes: 2010.p.11-30.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Falando de História: Ser Peça, Ser Coisa. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Folha Explica: Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001. p. 37-49.

_____. Nomes, Cores e Confusão. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Folha Explica: Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001. p. 65-74.

_____. Raça como Outro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Folha Explica: Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001. p.75-78.

_____. Fechando ou Abrindo essa História. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Folha Explica: Racismo no Brasil*. São Paulo: PubliFolha, 2001. p. 79-88.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. A resistência negra: das revoltas ao movimento negro contemporâneo. In: MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.p. 107-133.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. Algumas reflexões sobre discursividade, gramática e sintaxe. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. (Org.). *Michel Pêcheux e Análise de Discurso: Uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Clara Luz Editora, 2007. p.263-274